

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Matutino/Raoni
 Data: 02/02/86 Pg.: 355

Pela demarcação das lendas indígenas

Marcos Sá Correa

NUMA terra infestada de tantas pragas renitentes, foi um alívio nacional saber que o Governo já patrocinava a cura de pelo menos um problema genuinamente brasileiro — o do envenenamento pelo sapo dendrobata. Na prática, são raras as chances de um cidadão, picado cotidianamente por insetos vorazes e inflação peçonhentas, topar na vida com um bicho desses. Tão raras, aliás, como vão ficando as próprias florestas e não por acaso, pois dendrobata é quem vive nas árvores e essa foi uma cura comungada por um povo que há muitas décadas vive sob as copas das antenas de televisão.

O medo do sapo, portanto, era o de menos. O que conta é uma espécie de vitória moral e, moralmente, celebrou-se no tratamento do cientista Augusto Ruschi pelas ervas e os ritos do Alto Xingu a sensação de que o Brasil não só tem conserto como, o que é melhor, pode ser consertado através de um processo ao mesmo tempo autóctone e oficial. Afinal, como disseram os heróis da festa, "o Charney paga".

Se houvesse eleições diretas para o panteão da medicina nacional, o txucarramãe Raoni e o camaiúra Sapaim estariam desde a semana passada entronizados entre Oswaldo Cruz, o da febre amarela, Vital Brazil, o do soro antiofídico, e Manuel de Abreu, o tal da abreuografia. Eleitos por um país que, coisa rara no mundo, nos últimos dias teve a oportunidade de se comer mais e melhor com um grande sucesso da pajelança que com o desastre da Challenger, o trágico fiasco de uma aventura científica.

Nesse interesse coletivo, que desviou para Raoni e Sapaim até o foco das agências internacionais de notícias, normalmente voltados nesta época para os índios das escolas de samba, houve naturalmente de tudo — inclusive a legítima atenção pela sorte do cientista Augusto Ruschi, uma figura quase santificada pelo exemplo de militância solidária contra a destruição final das florestas do Espírito Santo e aureolado pelo voo iridescente dos beija-flores, que coroa seu trabalho. Mas não era só isso — e faltou extrair dessa história, parodiando os pajés, a substância verdadeira.

Inoculado por ela, o país acaba de ter um forte acesso de credulidade. Aceitou piamente, para começo de conversa, um diagnóstico estranho, senão inverossímil — Ruschi estaria condenado por uma intoxicação contraída por veneno de sapo nas selvas

do Amapá, dez anos atrás. Depois que esse ponto passou em julgado, o resto seguiu a mesma lógica — até a alta, assinada pelo médico Jaime dos Santos Neves, que examinou Ruschi pelos jornais e atestou a cura por telegrama: "Ave, Tupã, Aleluia" — um caso que, por sinal, cheira a exercício ilegal da telegrafia costurando em três palavras invocações religiosas do latim, do tupi e do hebraico. Isso sim é que é sincretismo.

Se a saúde de Ruschi viesse em primeiro lugar, alguém nessa corrente pra frente de solidariedade, de Sarney ao médico, mesmo confiando na cura, deveria se lembrar da banal previdência de confirmar o restabelecimento com um exame convencional. É o que provavelmente se faria, por exemplo, com um parente próximo. Ruschi, não — foi despachado de volta para casa, como se fosse razoável usar um cientista de sua indispensável importância para cobala do atorokon.

Por citar a erva, cumpre registrar que não foi também uma súbita paixão pela farmacêutica indígena o motor de tanto entusiasmo. A opinião pública brasileira passou uma semana debruçada sobre o tratamento e saiu sem saber o que é o atorokon. Se acontecer outro caso, improvável, de envenenamento pelo dendrobata, vai ser preciso mobilizar novamente Sarney para que ele, recomendando ao ministro do Interior que "não meça esforços", embarque os pajés de avião para buscar a planta no Xingu. Uma complicação — capaz de reabrir o buraco nas contas do INPS, se a procura pelo milagre continuar intensa. E houve fila de pacientes na parte de Sapaim, o banqueiro Marçílio Marques Moreira comentou nesta semana que o país "precisa de uma pajelança econômica" e o doutor Sócrates, do futebol, ameaçou aos médicos chamar o Raoni para dar uma olhada em sua lesão no tornozelo.

Há demanda reprimida por uma benzedura ampla, geral e irrestrita, numa terra que há menos de um ano perdeu Tancredo Neves, o presidente que ia curá-la de todas as enfermidades e ainda hoje é chamado, convertido em objeto de culto hipócrita, para iluminar a cabeça do ministro Fernando Lyra, quando ele não sabe o que fazer com o filme Je vous salue, Marie. Tancredo, aliás, parece ter muito a ver com essa adesão coletiva à magia. Diretamente, porque foi ele próprio engastado supersticiosamente de poderes extraordinários num Brasil carente de milagres. E, indiretamente, porque sua doença colocou a fé do povo em contato diário com o médico Henrique Walter Pinotti, que incluía de próprio punho o título de

"professor-doutor" nos boletins hospitalares e aparecia na TV prometendo salvaguardas impossíveis. Pinotti talvez tenha ajudado a fundar a alopatologia, a doença tropical da alopatia.

Diante dele, a imagem de Raoni no vídeo é muito mais simpática — inclusive porque um personagem que usa um boteco daquele tamanho visivelmente não tinha em seus planos de carreira falar ao microfone, num futuro de celebridade. Para tirar o melhor proveito possível dessa aparição, os brasileiros evitaram botar sobre a cura de Ruschi um olho crítico, que ameaçasse pôr tudo a perder. Sarney mesmo, que na intimidade toma diariamente no café da manhã vitamina

C americana, daquelas com brotos de rosa, deu o exemplo da ingenuidade necessária a manter a mágica funcionando. Na primeira audiência da segunda-feira passada, foi encontrado pelo senador Aderbal Jurema conjecturando sobre o fato de que não se vêem índios morrer de picada de cobra. C.Q.D. Sarney precisa acreditar nisso porque ele também foi curado por tabela de uma indisposição política, admitida no discurso em que comunicou pela TV as realizações de seu governo: "Não posso ser mágico e do dia para a noite consertar o que não se consertou ao longo da História."

Havia incrustada nessa frase uma

indireta para Tancredo, que de certa forma deu ao Brasil a impressão de que iria fazer isso, morreu e legou a Sarney o abacaxi de governar um povo nostálgico de prodígios. Principalmente, de prodígios desencantados, como ervas indígenas, das raízes mais fundas do Brasil, as que traziam os colonizadores para cá, segundo Sérgio Buarque de Holanda, atrás das miragens do paraíso terrestre, um lugar de maravilhas, onde o mato guardaria fontes da eterna juventude por trás de montanhas de ouro puro, e a aventura conquistasse num único gesto de ousadia, o que não se consegue numa vida inteira de movimentos repetidos no trabalho.

Que as autoridades brasileiras são chegadas numa pajelança sabia-se há muito tempo. O general Orlando Geisel, quando era ministro do Exército, entregava a própria coluna a um curandeiro de Brasília, com os segredos que a época dedicava aos assuntos militares — o que, de quebra, ajudou a preservar a cica de rigor luterano grudada no nome da família. O general Golbery do Couto e Silva, no tempo em que encarnava o papel de bruxo da racionalidade política brasileira, tinha seu gabinete exorcizado periodicamente dos maus-olhados pelas defumações de um pai-de-santo. O presidente João Figueiredo confiou as costas ao médico Haruo Nishimura, que exercia sua prática na fronteira da ciência com a crença. E o prefeito Jânio Quadros está convencido de que um dia voltará à presidência da República, porque um dia ouviu isso do adivinho Sanakhan — de resto o mesmo que contagiou com idêntica obsessão o deputado Ulysses Guimarães, numa profecia por enquanto cumprida na interioridade.

A política, portanto, está cheia de feitiçarias. A diferença é que elas se conservavam habitualmente secretas, ao passo que Sarney, com uma pajelança pública, tocou aparentemente por acaso numa outra paciência nacional — além daquela insinuada no anúncio do cigarro. Aqui, um parêntese para assinalar um efeito colateral da aplicação de feitiçaria na administração pública: na semana em que o governo anunciava uma campanha contra o tabagismo, responsável por 120 mil internações só em janeiro passado, aparecia em todos os meios de comunicação a cena de Ruschi submetido aos efeitos terapêuticos do petyn, vulgo tabaco, o fumo do pito de Sapaim.

Fecha parêntese. Anos atrás, numa carta do Havre, o diplomata Vinicius de Moraes disse que o Brasil era o único país do mundo em que o capim brota nas ruas, no meio dos paralelepípedos. Agora mesmo, quem quiser ver a insistência com que o mato fura a crosta desta civilização pode checar na rua Visconde de Albuquerque, no Leblon, o espetáculo do milho nascendo silvestre nas frinchas do cimento, entre as margens de um canal transplantado do Sena e a lama poluída da selvageria urbana. Está lá, invadindo o canal como Raoni e Sapaim invadiram a rotina brasileira e conferiram a Sarney uma dose de poderes mágicos delegados. Não era o que estava no programa — mas foi um pacto social de Sarney com um Brasil enfim novamente unido e crédulo.

